

“MEU CARO JOÃO CABRAL DE MELO NETO” – ALGUMAS CARTAS PORTUGUESAS

“DEAR JOÃO CABRAL DE MELO NETO” – SOME PORTUGUESE LETTERS

Rafaela Cardeal*
cardealrafaela@gmail.com

A conhecida aversão de João Cabral de Melo Neto à epistolografia, como atestou Murilo Mendes em carta de 29 de outubro de 1960, não impediu completamente sua adesão ao gênero. No arquivo particular do autor, surpreendentemente encontra-se um expressivo volume de cartas, bilhetes e cartões-postais, que documentam todo o percurso biográfico e literário do poeta e diplomata brasileiro desde os anos 40 até seu desaparecimento, no fim da década de 1990. Desponta desse variado conjunto a correspondência trocada com nomes do século XX português, como Sophia de Mello Breyner Andresen, Alexandre O’Neill, Alberto de Serpa, António Reis, dando-nos a ver não só conversas literárias em torno de seus projetos estéticos e poéticos – ou até da vida íntima –, mas também o processo de recepção da obra cabralina no país. De um ponto de vista privilegiado, os bastidores da cena literária luso-brasileira iluminam aspectos do convívio de João Cabral com poetas, escritores e intelectuais portugueses, entre afinidades e divergências, sem deixar de evidenciar sua posição cimeira no panorama da poesia produzida em língua portuguesa.

Palavras-chave: Correspondência. Diálogos luso-brasileiros. Poesia brasileira. Poesia portuguesa. Influência poética.

João Cabral de Melo Neto’s widely known distaste for letter writing, as Murilo Mendes pointed out in a 1960 letter, has not prevented him from written communication. Still, the author’s private archive preserves a sizeable number of letters and postcards, which documents his life and work from the 1940s until the late 1990s, when he died. This collection includes the epistolary exchange between key figures of the 20th century in Portugal, such Sophia de Mello Breyner Andresen, Alexandre O’Neill, Alberto de Serpa, António Reis, from which one could witness the discussion of their aesthetic and poetics expressions, or even the practical necessities. Likewise, it registers João Cabral’s reception in that literary context. As the Luso-Brazilian background is highlighted, these letters reveal to us his relationship with Portuguese poets, writers and intellectuals, not only making evident the process of influence, but also underlying João Cabral’s canonical placement in the Portuguese language poetry.

Keywords: Correspondence. Luzo-Brazilian dialogues. Brazilian poetry. Portuguese poetry. Poetic influence.

•

* Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Escola de Letras, Artes, Ciências Humanas, Universidade do Minho, Braga, Portugal. ORCID: 0000-0001-6952-621X.

*Pois que toda literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível,
presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos.
E já foi dito que não interessa tanto o objeto, apenas pretexto, mas antes a paixão;
e eu acrescento que não interessa tanto a paixão,
apenas pretexto, mas antes o seu exercício.*

M.I. Barreno, M.T. Horta, M.V. Costa (1972), *Novas cartas portuguesas*

1. Introdução

João Cabral de Melo Neto reiteradamente declarou sua aversão à escrita epistolar. Ainda assim no inventário de seu arquivo, sob a guarda da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, estão indicadas como correspondência pessoal mais de mil e cem entradas. Não deixa de ser assinalável o volume de cartas conservado entre os papéis de um poeta que nunca foi um entusiasta do gênero e que viveu, ao longo de quatro décadas a serviço do Itamaraty, em quatorze cidades, entre três continentes. Com facilidade, as constantes remoções de postos diplomáticos, habituais a cada dois anos, poderiam se tornar um determinante fator dispersivo, se não fosse pelo trabalho de Stella Maria Barbosa de Oliveira, a primeira companheira do poeta – que adotaria após o casamento apenas o sobrenome Cabral de Melo. Arquivista de profissão, ela foi a responsável por reunir e organizar sincronicamente o itinerante acervo à medida que ele ia se fabricando. Toda sorte de documentos – cartas, bilhetes, cartões-postais, manuscritos, fotografias –, à maneira de valioso item da mudança, acompanhava a família, mantendo-se, contra todas as eventuais circunstâncias, praticamente intacto.

Do oásis cultivado por Stella em meio ao deserto cabralino, tem se extraído novas achegas à vida e obra do poeta, sobretudo a partir de 2020, ano em que se assinalou seu centenário de nascimento. Nessa ocasião poemas inéditos foram incorporados à mais recente recolha da *Poesia completa*, com base na pesquisa empreendida no arquivo do autor por Edneia R. Ribeiro, sob a organização de Antonio Carlos Secchin. Já as facetas menos conhecidas de João Cabral vieram a público em 2021 em edições que nos dão a ver o homem por detrás do poeta-diplomata. Sua figura *a palo seco* é um tanto desfeita no decurso do museu de imagens apresentado na fotobiografia organizada por Eucanaã Ferraz. Daí desponta um João menos austero – ainda que quase sempre de terno e gravata – em registro familiar ou social entre diversas paisagens. Já a biografia escrita por Ivan Marques, que muito se valeu do registro epistolar, entrelaça os mil fios da vida de João Cabral à sua obra. De uma mirada inédita, e de um valioso manancial de informações, emerge um perfil múltiplo, indispensável para os leitores especializados – e não só –, tornando-se desde logo referência obrigatória na fortuna cabralina.

Neste percurso, apresentaremos um conjunto das cartas portuguesas, cujo recorte, definido por limites territoriais, atua como um viés de leitura. Em razão dos naturais e incontornáveis hiatos, será aqui aludida, em maior parte, a correspondência passiva de João Cabral, em particular as cartas enviada por remetentes portugueses. Em certos casos, as cartas escritas pelo brasileiro também se incorporaram, ao menos, as que foram

preservadas e identificadas através do extenso levantamento documental realizado nos espólios de seus correspondentes, muitos deles dispersos entre bibliotecas e arquivos em Portugal.

2. O antiepistológrafo

Em carta a Carlos Drummond de Andrade, enviada de Barcelona, em 9 de outubro de 1948, João Cabral de Melo Neto se disse “antiepistolar”. A expressão, que bem sintetiza sua antipatia pelo formato, é repetida por duas vezes ao longo da missiva para justificar o silêncio ao seu remetente. Embora se referisse a certas más disposições – “gripes, chateações, tédio”, explica – o diagnóstico parecia exibir somente a ponta do iceberg. Pedindo a compreensão do interlocutor, registra a presença de um “impedimento mais poderoso”, diz João Cabral, “a falta de jeito, de gosto para cartas” (Melo Neto, 2001, p. 227). A isso ainda se acrescentava outro obstáculo mais concreto: as mãos trêmulas que dificultavam a escrita, sintoma da abstinência de cafeína, regime que fazia para se libertar da cafiaspirina, engolida “em número 6 por dia, há 10 anos” a fim de anestesiar sua incurável dor de cabeça. Esse tipo de comentário, ao lado dos detalhados relatos dos tratamentos a que viria se submeter, torna-se recorrente na correspondência do autor, compondo assim uma espécie de prontuário clínico.

Um dos temas insistentemente referidos entre os escritores, como sublinha André Crabbé Rocha no seu estudo pioneiro *A epistolografia em Portugal*, é o da saúde física ou mental – ou antes, da falta dela (1985, p. 381). A autora aponta que o insalubre estado sanitário do “Parnaso lusitano” não poderia deixar de ter seus reflexos sobre os próprios criadores, o que também se verifica, porém, em sentido menos coletivo, no caso do poeta brasileiro. Um dos tópicos recorrentes de seus escritos íntimos, a cefaleia surgida na adolescência, que pôs fim à sua carreira futebolística, acompanhando-o até a velhice, não deixaria de despontar em sua obra. Para traçar um paralelo com os versos d’*Os três mal-amados*, se a dor de cabeça “comeu o futuro grande atleta”, não comeria “o futuro grande poeta”, ao contrário do que aí se postula (Melo Neto, 2014, p. 113). Nesse poema dramático, publicado na *Revista do Brasil* em 1943, alistando uma série de objetos pessoais e estados anímicos corroídos pelo imperativo amoroso, o mal-amado Joaquim a certa altura afirma: “O amor comeu meus remédios, minhas receitas médicas, minhas dietas. Comeu minhas aspirinas, minhas ondas curtas, meus raios X. Comeu meus testes mentais, meus exames de urina” (*idem*, p. 109). E, por fim: “Comeu meu silêncio, minha dor de cabeça, meu medo da morte” (*idem*, p. 114).

A dor de cabeça não aparece, todavia, senão indiretamente na obra madura. Porém, o fármaco ganharia, mais tarde, notável destaque com a homenagem que se ergue “Num monumento à aspirina” nas páginas do seu livro capital, *A educação pela pedra* (1966). O poema, vertido para o alemão, segundo conta Curt Meyer-Clason (1992), chegaria ao fabricante do mundialmente famoso medicamento. No seu regresso à Alemanha, após uma conversa com João Cabral, na qual ele teria se interrogado se seu “monumento” poderia ser um bom texto publicitário, Meyer-Clason decidiu remeter sua tradução ao departamento de publicidade da Bayer. Em resposta, o diretor alegava que, apesar de ter gostado muitíssimo do poema, infelizmente, era muito sofisticado como *slogan* para o

grande público. Sem abalar o culto diário, esse parecer negativo rendeu ao devoto da aspirina boas risadas, ao sabor de uma particular anedota. No livro seguinte, *Museu de tudo* (1975), o medicamento volta a aparecer, ocupando um lugar privilegiado no léxico cabralino. Acima da geografia e de seus sotaques, diz-nos o poema “Metadicionário”, a aspirina é reconhecida pelo seu extraordinário poder de ser decifrada em qualquer idioma, graças ao processo metonímico, de escala universal, que alçou a marca registrada a sinônimo do comprimido que contém aquela substância. Uma faculdade que nem mesmo Deus possui: a de ter o mesmo nome, “de se chamar em qualquer língua” (Melo Neto, 2014, p. 536).¹

Hoje o que é um dos traços da sua mitologia literária – que por vezes assume um tom caricatural – foi um grande suplício para João Cabral, especialmente do ponto de vista psicológico. Já no início da década de 1950, ele se submeteu a vários tratamentos cirúrgicos, todos eles malsucedidos, uma vez que a insistente dor de cabeça não dava trégua. Para além da constante irritação por ela provocada, suspeita de uma nevralgia do trigêmeo, os horizontes de cura logo se apresentavam como pura miragem, agravando seu quadro depressivo.² Junto a isso, os invasivos procedimentos que realizou próximo aos olhos, no pós-operatório, impunham dificuldades para ler e escrever. Neste último caso, em razão de tremores, porventura por um excesso de estímulos, que davam conta de um estado nevrálgico delicado, “à flor da pele” como escreveria em carta a Murilo Mendes. João Cabral, ainda que não desistisse, estaria constantemente entre a esperança e o desengano, como ilustra outra passagem relatada ao amigo, em que lhe conta a sentença de um médico que tinha considerado sua dor de cabeça incurável: “Não me disse para tocar um tango argentino mas me aconselhou a continuar tomando aspirina” (Melo Neto *apud* Sousa, 2019, p. 127) – em clara evocação do famoso poema-diagnóstico “Pneumotórax”, de Manuel Bandeira.

Um de seus mais assíduos correspondentes, Murilo testemunhou as incontáveis tentativas de João Cabral de se ver livre da dor de cabeça. Não por acaso, num ficcional encontro com Fernando Pessoa, ele cita João Cabral, estabelecendo diálogo com o verso “Preciso de verdade e de aspirina”, de Álvaro de Campos. Numa das cenas de *Janelas verdes* (1970), o “guarda-livros lisbonês” lhe pede tais remédios, mas, em resposta, Murilo diz-se expropriado de qualquer “grama de verdade”, oferecendo em alternativa uma cápsula de aspirina: “por acaso tenho no bolso três ou quatro destinadas a João Cabral de Melo Neto, com quem devo me encontrar” (Mendes, 2002, p. 191). O gesto, mesmo que não seja fato conhecido, parece assim ganhar maior verossimilhança na voz de Murilo. Pela sua irreverente personalidade, não é de se espantar que ele pudesse

¹ Nos dispersos, encontramos ainda referências em “A corrente de ar”, poema dedicado a Vinicius de Moraes, em que João Cabral faz um autorretrato: “No ar encanado / O poema, a saúde: / Eu buscando o lápis. / Tomando aspirina.” (Melo Neto, 2014, p. 876). Mais uma vez o cenário da escrita seria evocando em “O papel em branco”: “Ante a folha branca / Impossível é evitar / O pensamento de sal. / De luz, de saúde. // Nem sempre esse sol / É o sol natural, / É o sol de aspirina, / Pequeno discos brancos. // Mas é sol: espanta / Os fantasmas, e as sombras / Fogem de sob as coisas / Como ao meio-dia.” (Melo Neto, 2001, pp. 267-268).

² Em carta a Lêdo Ivo, datada de Barcelona, 14 de dezembro de 1949, após o fracasso de duas operações, João Cabral escreve: “V. pode imaginar como tudo isso me deixa: com um humor de *perro*, agravado pela decepção ao não me ver curado depois de cada uma das intervenções.” (Ivo, 2007, p. 40).

realmente andar com o antídoto cabralino à mão, quando estivesse em vias de encontrar o amigo.³ Para além de qualquer atitude teatral, demonstra a empatia com o drama pessoal que se tornou o mais célebre biografema de João Cabral e só poderia vir de um de seus confidentes.

Sob efeito do “sol de um comprimido de aspirina” – ou, de bem mais de 70 mil, número estimado em 1968 – João Cabral publicou vinte livros, ultrapassando a marca de 13.298 versos, contabilidade por ele feita após a publicação de *Auto do frade*, seu décimo sexto título.⁴ E, surpreendentemente até para os mais iniciados leitores cabralinos, escreveu muitas cartas, algo que vem sendo pouco a pouco revelado desde o ano 2000, quando chegaram ao público as cartas enviadas a Clarice Lispector, com a apresentação de Carlos Mendes de Sousa, no número da *Colóquio/Letras* que homenageia João Cabral. No ano seguinte, foi editada até o presente momento a única edição autônoma, e parcial, da sua correspondência, que reuniu sob a organização de Flora Sussekind as cartas trocadas com Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade – conjunto com cerca de 100 documentos. Ainda, as cartas enviadas a Lêdo Ivo foram compiladas no volume que reúne a correspondência passiva desse poeta, publicada em 2007.⁵

Ora, ainda que João Cabral tenha tentado de todas as maneiras não se imprimir em seus versos, o ambicioso empreendimento – sabia ele – era utópico. É o que reconhece, tardiamente, em *Agrestes* (1985), num dos poemas mais lembrados quando se trata do tema, em que se enuncia a impossibilidade do projeto. No caso, não como pura confissão, em primeira pessoa, mas através das “Dúvidas apócrifas de Marianne Moore”. Mesmo que especulativamente e por intermédio de uma outra voz, o poeta assume que sua estratégia de sempre falar de coisas evitando falar de si estaria fadada ao fracasso, pois já na seleção das coisas sobre as quais escreveu, forçosamente se encontra implicado. Vale destacar certo pendor memorialístico já n’*A escola de facas* (1980), que apresenta uma dimensão circunstancial para a qual João Cabral se inclinava desde *Museu de Tudo* (1975), único título editado nessa década. Os três livros, por vezes considerados menores, são marcados pelo que Edward Said chamou de estilo tardio, na esteira do conceito formulado no célebre ensaio de Theodor Adorno.

No espaço epistolar, todo e qualquer esforço naquele sentido seria sempre inútil, visto que ali necessariamente se aponta para um nome, para uma assinatura. Philippe Lejeune (1998) considera que, por definição, a carta é uma partilha e como tal tem diversas faces: além de objeto permutável, institui-se enquanto um ato e um texto. Para os estudos literários, essas perspectivas podem lançar luz sobre variados aspectos da correspondência de um escritor, desde o registro de uma *persona*, que eventualmente se

³ Em “Murilo Mendes e os rios”, de *Agrestes* (1985), João Cabral parece esboçar um retrato do amigo a partir de uma situação, ao que tudo indica, verdadeira – ou ao menos verossímil, tal qual o hábito de levar aspirinas no bolso. Em linhas gerais, o poema centra-se no ritual muriliano de salutar um rio a cada vez que o cruzava de carro. Enquanto assistia à peripécia, “eu ria amarelo / como se ria na missa”, afirma o retratista, dando a ver, em contraste, o gesto comedido típico de sua personalidade. (Melo Neto, 2014, p. 702)

⁴ O manuscrito foi reproduzido no site da revista *Piauí*, podendo ser acedido através do endereço: <https://piaui.folha.uol.com.br/joao-cabral-contabiliza-seus-versos/>

⁵ Quanto à correspondência trocada com Murilo Mendes, apesar da sua importância e extensão, ela não está editada na íntegra, porém, minuciosamente apreciada por Carlos Mendes de Sousa (2019).

desdobra na criação, até os bastidores da elaboração de determinada obra e da cena literária em que ela se inseriu. Sob esse ponto de vista, é claro, João Cabral não seria exceção. Talvez isso explique, em parte, sua resistência ao gênero que impõe a escrita consciente de um eu que voluntariamente se coloca em cena. Uma resistência motivada pela aversão não à epistolografia propriamente dita, mas ao gesto confessional a que a troca de cartas convida. De qualquer modo, ele não abdicaria do meio de comunicação mais corrente na sua época, uma vez que isso significava prescindir de muitos diálogos e partilhas. Ainda que contrariado, continuou a manter, em ‘serviços mínimos’, seu correio postal.

Uma década depois de escrever a Drummond confidenciando o embaraço com as cartas, João Cabral reafirma sua inaptidão epistolar. De Sevilha, escreve a Clarice Lispector em 21 de maio de 1958: “Parece é que perdi mesmo o jeito de escrever cartas. O jeito e o fôlego. Creio que não há nada que me canse tanto e que exija de mim tanto esforço” (Melo Neto *apud* Sousa, 2000, p. 298). O cansaço, dessa vez, não estava relacionado a uma situação concreta, no entanto, o autodiagnóstico se afigurava em termos clínicos. Com certa hesitação, questionava-se retoricamente se o constante desinteresse, a falta de vontade e a incapacidade para agir ou tomar decisões seriam sintomas de abulia. Hipótese que inesperadamente é atribuída ao “clima” sevilhano, no lugar de ser compreendida como consequência direta – e um tanto óbvia – do seu quadro depressivo. E assim sentencia: “Os andaluzes têm fama de abúlicos e é possível que eu já esteja irremediavelmente estragado” (*ibidem*) – imagem que não deixa de surpreender os leitores que veem nas figuras andaluzas retratadas pela poesia cabralina, em especial nas bailadoras e nos toureiros, expressão maior da volição.

3. Cartas portuguesas

Cartas, bilhetes e cartões-postais escritos por quase trinta remetentes compõem a sucinta correspondência portuguesa de João Cabral, que não chega a atingir uma centena de documentos. Concentrada, sobretudo, entre fins da década de 1940 e 1960, nela se exhibe a movimentação do poeta brasileiro dentro da cena literária lusa, quer a investida na divulgação da sua obra, quer o acolhimento de seus pares, e ainda questões em torno do projeto estético do autor. Esses diálogos coincidem com sua entrada num contexto estrangeiro, ainda que familiar, até sua consagração que é assinalada, em plena ditadura salazarista, pela inesquecível apresentação de *Morte e vida severina*, a cargo do Teatro da Universidade Católica de São Paulo – o Tuca. Assim, o complexo processo de recepção emerge simultaneamente nas páginas literárias e nos papéis íntimos, não obstante a atenção crítica tenha sido possibilitada, ou ao menos favorecida, por contatos de foro pessoal, em particular pela oferta de livros.

O ano de 1949 é, nesse sentido, exemplar. A primeira recensão à poesia de João Cabral, o artigo “Poesia engenhosa” de Vitorino Nemésio, que sai em sua rubrica semanal do *Diário Popular*, não por acaso coincide com o estabelecimento do diálogo epistolar com Alberto de Serpa e com Adolfo Casais Monteiro. Inclusive, teria sido pela mão daquele poeta que o texto chegou, em primeira mão, a João Cabral quatro dias depois da sua publicação, como atesta a carta de 19 de junho de 1949, na qual Serpa questiona a

seu destinatário se ele tinha recebido o recorte do jornal lisboeta. “O caixeiro-viajante da Presença”, como Egito Gonçalves se referiu a Serpa em comentário sarcástico numa carta de 1950 destinada a João Cabral, era um grande entusiasta do brasileiro e foi também um dedicado mensageiro – sempre dando notícia do que ia se publicando em território português –, além de ter sido responsável por articulações que o aproximariam de outras figuras desse meio literário, incluindo o próprio Egito.

O irônico epíteto, todavia, pode ser aqui aproveitado menos em sua maledicência, mais em seu sentido literal. Serpa não foi somente representante de vendas presencialistas, como também cabralinas, assumindo o importante papel de mediador. A excêntrica parceria daria um fruto estranho: a revista de único número *O Cavalo de Todas as Cores*, editada em janeiro de 1950 e impressa por João Cabral na sua tipografia caseira, onde ele estampou sob o selo d’O Livro Inconsútil míticas edições artesanais. Esse epistolário – o mais extenso trocado com um destinatário português –, que é justamente instaurado com o envio de “três encantadores volumes” inconsúteis, revela não só as conversas editoriais à volta da revista, como documenta a forte personalidade e as firmes posições de João Cabral, quer do ponto de vista estético, quer do ponto de vista político, dando-nos a ver os bastidores da sua oficina poética.⁶

As elegantes edições despertaram a atenção dos portugueses – e fatalmente a dos brasileiros –, alimentando o fetiche de seus destinatários, que prontamente se colocaram à disposição de futuros aspirantes a colaboradores. Todos queriam ver seus escritos nas *plaquettes* editadas pelas mãos do rigoroso poeta-impressor, quem bem soube criar interesse à volta de suas “coisas portáteis”, como João Cabral se referiu aos pequenos livros em carta a Clarice Lispector (Melo Neto *apud* Sousa 2000, p. 290). Além dela, muitos outros estiveram entre os potenciais colaboradores. Atendendo o chamado do editor, Serpa e Casais Monteiro, por exemplo, prometeram enviar-lhe os manuscritos inéditos de “Poemas quase brasileiros” e traduções de Paul Valéry, respectivamente. Afinal, esses projetos, assim como os da escritora brasileira, não vieram a se concretizar.

Outro expressivo diálogo, sem dúvida, é o que envolve a feitura da edição do livro *Quaderna* que vem a público em Lisboa, em 1960, pela Guimarães Editores – única a estampar separadamente o título. O sétimo volume publicado por João Cabral contou com a supervisão do então assistente literário da editora, Alexandre O’Neill, que mais tarde, em entrevista dos anos 1980, viria a se reivindicar como seu “curador”. Dessa correspondência, iniciada em 14 de setembro de 1959, só temos notícia das missivas escritas pelo poeta português, nas quais as negociações a respeito da iminente edição se misturam com comentários acerca dos originais, que, além de se inscreverem no corpo da carta, deram origem a um datiloscrito. Trata-se do poema “Saudação a João Cabral de Melo Neto”, datado de Lisboa, 27 de agosto desse mesmo ano, que seguiu acompanhado de uma breve observação: “se tem o pecado de ser factura apressada, é tão espontânea e tão de dentro que seria absurdo não a enviar a quem, afinal, se dirige” (O’Neill, 1959a). Mesmo sem conhecer a opinião de João Cabral sobre a “saudação”, sabemos que foi por essa via que ele leu, em primeira mão, a prestigiosa homenagem incluída em *Abandono*

⁶ Nos últimos anos, Solange Fiuza tem se dedicado ao projeto *Edição comentada das cartas de João Cabral de Melo Neto a Alberto de Serpa & estudos críticos*, com destaque para a publicação de artigos sobre essa correspondência (vd. Fiuza, 2019).

vigiado (1960) – título do mesmo ano e da mesma coleção, “Poesia e Verdade”, em que saiu o livro cabralino.

Na carta seguinte, de 30 de outubro de 1959, à margem das questões editoriais, o autor sentiu a necessidade de explicar a vênua. Com certo pudor, O’Neill diz que o poema foi um exagero, mas que teria sido movido pelo grande entusiasmo causado por certa poesia de João Cabral. Após a leitura de *Quaderna*, o poeta português e “um punhado de amigos fiéis”, foram surpreendidos, nas suas palavras, por um “tremendo choque”. O que mais os tinha impressionado eram “a escassez de adjetivos, a ausência total de bonitos, a pobreza da rima, o seu meter-ombros oficial ao poema e o limpo curso de suas estrofes e também a sua geografia, se assim se pode dizer” (O’Neill, 1959b). Porém, a composição tinha despontado na sequência da leitura de *Duas águas* (1956), edição que reunia toda a produção poética do autor, desencadeando a incontida escrita da “saudação”, que, à maneira do estilo cabralino, é não só um tributo a João Cabral como um dos mais fiéis retratos de sua arte. Justamente a lição de rigor e contenção gerou, segundo explica O’Neill, um honesto interesse em torno da poesia do brasileiro em Lisboa por parte de um pequeno grupo de poetas – ao qual se incluía – que estavam decididos a acabar com “os cosméticos, as poemadas, as brilhantinas” (O’Neill, 1959b), com os excessos da poesia portuguesa daquela época.

Esse diagnóstico complementava o comentário feito por O’Neill na carta anterior, onde o livro a vir já era apontado como exemplo para a jovem poesia portuguesa, que na sua visão tanto precisava “emagrecer”. Nesse sentido, cumpriria uma dupla função ao ser um “ótimo serviço prestado aos poetas e ao público e, ao mesmo tempo, à difusão da vossa literatura, tão pouco lida em Portugal” (O’Neill, 1959a). O cálculo de um dos principais agentes desse meio literário não poderia ser mais preciso. A *escola das facas* criada por João Cabral – para evocar um de seus incisivos títulos – formará no país muitos alunos, o que é possível vislumbrar, com maior ou menor grau de nitidez, sobretudo, na geração dos autores revelados na década de 1960, quando efetivamente a poesia cabralina se torna mais facilmente acessível aos leitores. A edição da Guimarães foi marco editorial da sua recepção que, três anos mais tarde, é ampliada pela coletânea *Poemas escolhidos*, da Portugália Editora, com seleção de O’Neill e Alexandre Pinheiro Torres – ocasião em que o crítico literário pontualmente se correspondeu com o autor.

As cartas de Alexandre O’Neill apresentam-nos um panorama, ainda que não tão detalhado, de um contexto que atualmente só poderíamos recompor por essa via. Seus comentários, mesmo os mais pontuais, revelam uma série de circunstâncias inerentes ao modo como se processa a recepção crítica de João Cabral, naturalmente estimulada por trocas pessoais. Casos já bastante conhecidos, como a viagem de Sophia de Mello Breyner Andresen a Sevilha, onde ela conheceu João Cabral em 1958, ganham assim novas nuances. O’Neill conta a João Cabral que na volta a Lisboa, numa das famosas tertúlias na casa da poeta portuguesa, José Paulo Moreira da Fonseca, intermediário daquele luminoso encontro sevilhano, leu em voz alta *Morte e vida severina*. Anos depois, em carta de 30 de janeiro de 1967, Sophia revelaria ao autor do *Auto de Natal pernambucano* que essa era a linha da sua poesia que mais apreciava e que considerava a mais difícil e rara. Para além das sessões privadas entre amigos, que tinham lugar na

Travessa das Mónicas, a leitura do poema dramático foi realizada mais de uma vez por Sophia em cursos universitários.⁷

Algumas conversas que compõem o epistolário de O'Neill revelam ainda informações interessantes e pouco divulgadas, ou mesmo completamente desconhecidas pelo público, a respeito da circulação de livros. Por exemplo, o sugestivo engano com relação ao título do livro que Casais Monteiro, ainda em território português – portanto, antes de 1954, quando se exilou no Brasil – tinha lhe dado a ler: uma edição de capa verde-escuro estampada com um balão, segundo descreve O'Neill numa carta. Tratava-se, logo, de *Psicologia da composição com Fábulas de Anfion e Antiode*, que, no entanto, ele refere como *O engenheiro*. Sabemos que ambos os títulos foram remetidos por João Cabral a Casais Monteiro nos anos em que foram lançados, 1947 e 1945 respectivamente, conforme atestam as dedicatórias. Assim, é possível que também *O engenheiro*, cuja capa na verdade é ilustrada por uma lira, tenha chegado a O'Neill pelas mãos do mesmo Casais, o que poderia ter contribuído para o lapso. Mas o episódio também pode sugerir, embora àquela altura O'Neill já conhecesse *Morte e vida severina*, que ele estaria mais interessado no projeto cabralino sintetizado pela figura do engenheiro e que seria levado a cabo posteriormente com a definição da sua psicologia. Assim, quem sabe, a associação entre o título de um livro e o conteúdo do outro fosse a verdadeira raiz do ato falho. Ao contrário de Sophia, O'Neill talvez preferisse certa poesia de João Cabral, a que incita uma “comunicação a dois”, exigindo concentração e releitura, e que o autor alistou como uma das suas *duas águas*.

Com o levantamento bibliográfico em bibliotecas públicas e particulares, na sua maior parte assinalado por dedicatórias, fica bastante claro o desejo de João Cabral de ser lido por portugueses. Exemplares de seus primeiros títulos – quase todos editados por conta própria, portanto com reduzida tiragem – foram oferecidos a escritores, poetas e críticos, como João Gaspar Simões e o próprio Adolfo Casais Monteiro, o que lhes incentivaria ainda na década de 1950 a se debruçar sobre a iniciante poesia do autor. Em consagrados suplementos literários de jornais brasileiros, o carioca *A Manhã* e *O Estado de São Paulo*, ‘responderam’ às ofertas cabralinas com artigos. Os autógrafos inscritos nas obras, nesse caso, permitem mapear seu alcance, estabelecer outras ligações e, com sorte, recompor elos perdidos, complementando a informação da correspondência, por vezes suprimindo a falta dela.

Em gestos mais concisos, as ofertas eram agradecidas através de bilhetes, como fizeram Mário Dionísio, Miguel Torga, Urbano Tavares Rodrigues, agradecendo as edições portuguesas *Quaderna* e *Poemas escolhidos*, enquanto Natércia Freire, acusava o recebimento de *Dois parlamentos* (1961), raríssima edição artesanal de duzentos exemplares, com a qual também foram agraciados Dionísio, O'Neill e Gastão Cruz. Segundo este último poeta, era uma resposta ao envio de *Poesia 61*, ele mesmo se encarregou de remeter as *plaquettes* com dedicatórias de todos os participantes para Madrid, onde então residia João Cabral. Prática comum na dinâmica literária, o gesto de

⁷ A correspondência trocada com Sophia de Mello Breyner Andresen está publicada integralmente no volume *Sophia: singular plural* (2019), organizado por Paola Poma. Há que se destacar que, além de breve, o diálogo epistolar não foi conservado em sua totalidade. Das seis cartas enviadas por Sophia, no espólio da autora, sob a guarda da Biblioteca Nacional de Portugal, consta apenas uma carta escrita por João Cabral.

enviar obras a escritores de uma geração anterior, já consagrados, demonstra certa reverência – e, porventura, afinidade – por parte dos iniciantes poetas portugueses com relação ao iniciado poeta brasileiro, repetindo o gesto deste, nos anos de 1940, quanto à geração presencista. Nas palavras de José Bento (1968, p. 271), João Cabral foi um dos poetas que deu “seu canto” para a construção dos poetas de *Poesia 61*.

Um bilhete datado de 7 de fevereiro de 1976 destaca-se dos outros ao incluir um comentário menos protocolar. Marcello Caetano agradece a oferta de *Museu de tudo*, incorporando um de seus versos, ao declarar que leu com interesse “essa poesia anti-barroca que prefere ‘o reto, tão correto, direto ao que insiste’” (Caetano, 1976) – em citação ao poema “Capela Dourada do Recife”. Por um lado, surpreende que João Cabral tenha enviado o livro ao antigo chefe do governo português, o qual, deposto dois anos antes com o 25 de Abril, estava exilado no Rio de Janeiro, para onde foi remetido o exemplar, muito provavelmente de Dacar, cidade em que vivia o poeta e embaixador do Brasil no Senegal. Por outro, mesmo não sendo em nenhum momento simpatizante do regime salazarista⁸ nem de governos totalitaristas, o gesto é previsível, como expressão de um status diplomático, que não se refere somente à carreira, mas sobretudo às atitudes cordiais que se tornam constantes no trato com intelectuais, por vezes motivadas por indicações de terceiros ou amigos em comum.

Outro documento muito singular faz parte da correspondência de Sophia. Uma espécie de carta coletiva datada de 15 de dezembro de 1967, assinada conjuntamente, em gesto de amizade, por ela, Isabel da Nóbrega, João Gaspar Simões, Ruben A. e Ruy Cinatti. Nela, Sophia pergunta quando João Cabral viria a Portugal, para que ela gravasse os seus versos, repetindo a questão feita em uma carta de 1965, na qual se dizia especialista em recitar sua poesia. Esse antigo projeto idealizado pela poeta é citado por Otto Lara Resende, então adido da Embaixada do Brasil em Lisboa, em carta de 25 de junho de 1968, na qual ele conta ao autor de *A educação pela pedra* seu plano de concretizar a ideia. Otto pretendia, com o auxílio de Irineu Garcia, o fundador do selo fonográfico Festa, e o patrocínio do Itamaraty, fazer uma versão luso-brasileira de Poesias, coleção de LPs que sempre reunia dois poetas brasileiros, um de cada lado do disco, como foi o caso de Murilo Mendes e João Cabral em lançamento de 1957. Assim ele arremata: “portugueses lendo brasileiros (o Alexandre leria o Manuel Bandeira, etc.) e portugueses lidos por brasileiros (v. [João Cabral] leria a Sophia)” (Resende, 1968). A sugestão não o agradaria tanto, uma vez que não gostava de ler em voz alta, como bem lembra Sophia em entrevista, quando, recordando os “dias extraordinários” em Sevilha na companhia de João Cabral, conta que durante as tardes ela tinha que ler os versos dela e também os dele. Sabemos que quando se tratava de música o crivo – e o ouvido – de João Cabral era bem seletivo, só escapavam o frevo e o flamenco. Por isso ficou

⁸ Vale recordar a entrevista de João Cabral concedida a Leonor Xavier, em 1985, antes da partida para o Porto, onde assumiu a função de cônsul-geral: “Estive sempre de passagem em Portugal, e nunca conheci bem o país porque em 1945, quando para um terceiro secretário de Embaixada era mais fácil servir em Lisboa, Salazar estava lá. Havia pessoas que sabiam quem eu era, eu não podia, como diplomata, conviver com essa gente que me interessava, porque todo o mundo sabe que Salazar nunca gostou dos intelectuais portugueses. Ele era professor da universidade, mas tinha uma sanha que se voltava sempre para os escritores. Um diplomata não pode estar unicamente convivendo com a oposição ao regime, de forma que eu nunca pleiteei ir para Portugal.” (Xavier, 2016, p. 112).

conhecido como “o poeta que não gostava de música”, para evocar o título do artigo com que o *Público* noticiou sua morte, em 1999 (Queirós, 1999), ecoando, dez anos depois, versos de Caetano Veloso no disco *Estrangeiro*.⁹ O desinteresse musical, ou melhor, o desprezo pelo embalo melódico, refletido nos seus intrincados versos, acabava por tornar a poesia cabralina um desafio para declamadores e compositores. É o que reconhece Alain Oulman, quem ao lado de Amália Rodrigues foi o responsável pela renovação do fado com a incorporação da poesia, então expressão distante da música popular. Em carta de 25 de dezembro de 1963, escrevendo ao poeta de que tanto ouvia falar através de O’Neill, que foi um de seus parceiros, Oulman diz a João Cabral que sua poesia, “como carne e osso, sem gordura”, não há por onde pegar, isto é, que não existe lugar para acrescentar melodias ao texto. Desapontado, por fim, conclui declarando que trabalhar com seus versos lhe daria imenso prazer, embora muito possivelmente João Cabral detestasse o resultado.

Mesmo que seja possibilidade remota, talvez João Cabral não detestasse o resultado, como não detestou *Morte e vida severina*, que inclusive muito apreciou, tendo ficado profundamente emocionado com o resultado atingido pelo então iniciante compositor brasileiro Chico Buarque de Holanda. A meteórica passagem do Tuca por Portugal, registrada nos principais periódicos portugueses, ficaria marcada na correspondência de António Reis. Dando notícia do grande arrebatamento provocado pelo espetáculo no Porto, onde João Cabral esteve presente, ele conta que depois de ver a peça o crítico literário Óscar Lopes “não conseguiu dormir toda a noite – nem com pastilhas” (Reis, 1966), o que se podia chamar de uma “pedrada no charco”. A expressão que, de acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, significa a “atitude que provoca polémica, discussão” ou “faz reagir quem estava acomodado, parado”, refletiu perfeitamente o impacto do acontecimento teatral. Nesse momento, nas palavras do jornalista José Correia Tavares, João Cabral deixou de ser “de meia dúzia” para andar por aí “na boca e no coração de todos aqueles que assistiram ao milagre” (Melo Neto, 1966, p. 1).

O impacto da poesia cabralina alguns anos antes tinha sido sentido por Alberto de Lacerda, quem fora apresentado a João Cabral por via epistolar através de Adolfo Casais Monteiro, na década de 1950, quando ambos viviam em Londres. A intenção do intermediário era ajudar o jovem poeta português, que então trabalhava como locutor e jornalista da BBC, a aceitar o *exílio* – não à toa, título do livro publicado em 1963 pela Portugália na Coleção Poetas de Hoje. Assim queria aproximá-lo do poeta brasileiro, de certo modo expatriado devido à carreira diplomática. Não temos notícia se chegaram a se conhecer pessoalmente nessa altura, uma vez que a carta-apresentação é datada de 31 de janeiro de 1952, apenas alguns meses antes da remoção de João Cabral para o Rio de Janeiro, onde responderia a um conturbado inquérito aberto pelo Itamaraty a partir da acusação de atividade comunista, motivada por uma violação postal.¹⁰ Mais tarde, em 16 de julho de 1963, numa carta onde se autoproclama “o único poeta português que não sofre a influência de João Cabral de Melo Neto” (Lacerda, 1963), Alberto de Lacerda, no

⁹ Refiro-me à canção “Outro retrato”, em que Caetano diz: “Minha música vem da música da poesia / De um poeta João que não gosta de música”.

¹⁰ Para maiores detalhes sobre o episódio, *vd.* Galve (2016) e Marques (2021).

entanto, pede ao poeta brasileiro que lhe envie seus livros, admitindo: “sua poesia é das que fazem falta, é alimento”. No último livro de Lacerda, publicado nos anos 2000, um poema que talvez ponha em questão a assertividade dessa afirmação, leva o nome do poeta que não o tinha influenciado.¹¹

Em outros termos, Otto Lara Resende refere-se ao mesmo fenômeno. Em carta de 13 de fevereiro de 1969, nas breves linhas do *post scriptum*, o adido cultural da Embaixada do Brasil em Lisboa conta a João Cabral: “Ontem houve um colóquio em que você foi citado como sendo ‘a moda atual de Portugal, réplica da moda que há no Brasil, quanto ao Fernando P’ssoa’” (Resende, 1969). O autor da citação é propositalmente ocultado, à maneira de uma charada. Otto pedia que o interlocutor adivinhasse de quem se tratava, dando única pista: é um poeta e ensaísta português. Se não podemos precisar a autoria, poderíamos ao menos aventar um palpite, possibilitado por outro testemunho epistolar desse período. Em cartão-postal, Vitorino Nemésio, agradecendo a oferta da poesia completa de João Cabral, recém-lançada no mesmo ano, recorre a uma aproximação com o autor de *Mensagem*: “V. é o único poeta épico moderno da nossa língua: bem mais a Pessoa no épico! Tira lírios do metal e da pedra. Eu não me canso de ler!” (Nemésio, 1968).

4. Posta-restante

Pouco sabemos das cartas de João Cabral endereçadas aos portugueses – à exceção da correspondência trocada com Alberto de Serpa –, em grande parte perdidas ou dispersas entre espólios, alguns deles não localizados, ou ao menos não acessíveis. Requer ao leitor interessado nesses diálogos epistolares, na tentativa de reduzir as lacunas, um exercício que poderia sem exagero ser classificado como detetivesco. Todavia, muito pode ser inferido pelos elementos da carta-resposta, como acontece com o intercâmbio bibliográfico, e o interesse por determinadas obras literárias. Especialmente quanto ao primeiro caso, João Cabral foi um exímio divulgador de suas edições, quer autorais, quer tipográficas, mas também colaborou com a dinâmica da cena literária, fazendo chegar a seus pares os testemunhos que davam conta de sua recepção, sobretudo, na imprensa brasileira. É o que ficou documentado, por exemplo, na carta enviada por Fernanda Botelho em maio de 1966, indicando a remessa dos recortes do suplemento literário d’*O Estado de São Paulo*, por intermédio de David Mourão-Ferreira – os três autores tinham se conhecido no ano anterior, na sétima edição Bienal Internacional de Poesia, realizada em Knokke-le Zoute, na Bélgica.

Muitas vezes as peças retiradas dos periódicos se tornavam pretexto para uma aproximação. José Cardoso Pires, entusiasmado ao saber, através de O’Neill, que João Cabral tinha gostado da *Cartilha do Marialva* (1960), decide escrever em agradecimento à opinião do “poeta rigoroso”, a que considera “uma verdade exigente, literariamente vivida, que não se compadece com reconhecimento de cortesia”. Nessa mesma carta, o romancista aproveitava para juntar um recorte da revista *Seara Nova*, que traduzia – por linhas enviesadas, pontua – “a extraordinária agitação e o interesse que se faz, também

¹¹ Trata-se do poema “João Cabral”, publicado em *Horizonte* (2001).

em Portugal, à volta da poesia de Melo Neto” (Pires, 1964). E acrescenta que o impresso o colocava no lugar-comum de seus admiradores, mas faz questão de salientar: “um dos muitos admiradores devotados que tem no meu país – embora, vaidade à parte, um dos mais antigos e dos mais estudiosos” (*ibidem*). Na mesma direção do que Alberto Lacerda, naquela carta antes referida, também sem nenhuma modéstia, afirmou: “Sou dos raros poetas que existem e quem se pode dizer tudo, absolutamente tudo, sobre os seus versos” (Lacerda, 1963).

Noutros momentos – mais raros – o jogo se inverte quando João Cabral arrisca uma apreciação crítica acerca da produção portuguesa da época. Ao receber um título de Alberto de Serpa, *Mais uns versos de Castela* (1957), o poeta brasileiro tece um breve, porém contundente, comentário de viés comparatista. A região espanhola retratada pelo livro, na sua opinião, era “sóbria, objetiva e anti-retórica”, o que não havia se passado com os “poemas ibéricos” de Miguel Torga, em que Castela, ao contrário, se instituiu excessiva, subjetiva e retórica: “parece ter disparado todas as molas e gatilhos da eloquência e do palavreado” (Melo Neto, 1957). Como adverte Andrée Crabbé Rocha (1985), os juízos oblíquos sobre oficiais do mesmo ofício são, em geral, de uma contundência temível. Fica assim bem evidente que o elogio à conquista do amigo, na verdade é um elogio à própria ideia de poesia perseguida e defendida pelo subscritor, e consequentemente a rejeição do que não é. Com certo conhecimento de causa, em virtude dos anos vividos na Espanha – que a essa altura não eram tantos, cerca de quatro –, já inscritos em *Paisagens com figuras* (1956), sente-se à vontade para avaliar *Alguns poemas ibéricos* (1952) como o avesso do que considerou a grande lição castelhana: a expressão direta e concisa.

Na única carta conservada no espólio de Sophia, datada de Sevilha, 14 de fevereiro de 1963, vemos situação semelhante. A afinidade entre os poetas é sinalizada com o comentário que João Cabral faz a propósito de *Contos exemplares* (1962): “Creio que é a prosa mais cristalina que nossa língua deu nos últimos anos” (Melo Neto, 1963). O adjetivo que encontramos em vários de seus poemas sintetiza a agudeza e a clareza própria do cristal, palavra que será retomada no “Elogio da usina e de Sophia de Mello Breyner Andresen”, publicado posteriormente. Como a usina, a poeta portuguesa faz e refaz sua poesia atingindo o ponto máximo de depuração: sobe ao cristal em seus cristais “de luz marinha”, diz-nos a composição (Melo Neto, 2014, p. 446). Nessa mesma carta, João Cabral aprofundava o elogio ao dizer que tinha recortado o artigo “Arte poética”, que relia todos os dias, responsável por modificar completamente sua “ideia de artesanaria poética” – o texto que conhecemos como “Arte poética II”, publicado pela primeira vez na revista *Távola Redonda* em 21 de janeiro de 1963. Em seguida, encerra a conversa com a seguinte observação: “Um dia, quando passe de vez minha atual crise neurótica (que me dá uma misantropia até epistolar), conversarei demoradamente com você”.

Ivan Marques (2021) constata que a palavra “misanthropia” é recorrente na correspondência de João Cabral para Stella, mas também se verifica nas cartas enviadas a Murilo Mendes e Lauro Escorel. Muitas vezes a constante depressão é apontada, quer como causa, quer como consequência, do seu horror a toda e qualquer sociabilidade. De acordo com o autor, no mesmo período da carta escrita a Sophia, João Cabral estava convicto de que suas crises neuróticas tinham origem na misantropia, de modo que o

único remédio era a solidão. O que não se resumiria ao convívio propriamente pessoal, mas se estenderia a todas as esferas da vida social, até mesmo ao distante contato epistolar, como confessou à amiga. Se não era possível escapar da tarefa de escrever cartas, João Cabral a reduziria ao mínimo possível. E embora ele não fosse tão prodigioso, ao menos parecia cuidadoso com sua via postal. Em muitas de suas cartas, ele anotava, geralmente no canto superior direito do documento, “respondida” ou, em casos mais íntimos, “respondida pelo telefone”, como ostenta, por exemplo, uma missiva de Otto Lara Resende.

Voltemos à correspondência portuguesa. Do que conhecemos nesse diminuto conjunto, ainda preenchido por vários hiatos, não se encontram registros detalhados das passagens de João Cabral pelo país. Um dos mais detalhados – e raros – relatos encontra-se não em cartas, mas na edição *In memoriam Ruben Andresen Leitão*, de 1981. Em depoimento, João Cabral relembra como conheceu o ficcionista português na década de 50, em Londres, e a inesquecível viagem de automóvel realizada quase vinte anos depois. A convite do *Jornal do Fundão*, o poeta-diplomata é surpreendido quando chega à capital portuguesa em 1968 e conhece quem lhe conduziria até a Beira Baixa: o antigo camarada Ruben, então funcionário da Embaixada do Brasil em Lisboa, com quem manteve nesse período alguma correspondência.

A viagem que para João Cabral foi uma “espécie de peregrinação”, como se referiu numa dedicatória a Ruy Belo – responsável pela leitura dos poemas cabralinos no evento –, para Ruben A. foi uma espécie de tortura, como ele revela em carta a Curt Meyer-Clason. Nela é esmiuçado o enfadonho cenário intelectual criado em torno do colóquio que prestou homenagem ao “fidalgo da palavra e de Pernambuco” (Leitão, 1968). Enquanto o cicerone tentava mostrar as paisagens do interior de seu país, nada parecia atrair o olhar apático do turista, escrevia ao tradutor alemão. A frieza muitas vezes apontada na poesia cabralina, na visão de Ruben refletia aquele que a escrevia, um homem sem paixão – ou *sem alma*, para evocar o controverso título de uma biografia dedicada ao autor, com o qual o português talvez concordasse. Escrita imediatamente após a partida de João Cabral, no início do mês de fevereiro, essa carta transparecia o calor do momento, bem como a maçada vivida por Ruben naqueles dias. Meses depois, em abril de 1968, João Cabral escreve ao ficcionista português dizendo que a viagem de automóvel foi uma das melhores que fez na vida. Porém, não sabemos se teria sido suficiente para desfazer a má impressão. Passados alguns anos após a súbita partida de Ruben, em 1975, ficaria claro que todo seu esforço não fora em vão. Devido ao conhecimento reduzido desse testemunho, reproduzimos uma longa, mas oportuna, citação:

Ruben, mais do que levar-me ao Fundão, parecia interessado em mostrar-me regiões de Portugal completamente desconhecidas de mim. (Lembro-me das falésias a pique entre as quais o Tejo entra Portugal, lembro-me de Castelo Branco, onde todo mundo gostaria de viver na velhice e morrer, etc.)

Depois do Fundão, da experiência de tudo, da visita a Covilhã, do outro lado do vale, dos pequenos povoados vazios de homens válidos (mobilizados todos para guerra na África), povoados quase abandonados, onde só se viam mulheres vestidas de preto (meninas, moças ou velhas), de vida difícil e irrespirável (num desses povoados vi uma espécie de *kermesse*: só que os prêmios a serem obtidos nada tinham de lúdico ou de fonte de prazer desinteressado: eram linguças, queijo, comida), atravessamos a Serra da Estrela e

chegamos a Coimbra, que eu conhecia, mas que ele provou que eu não conhecia. (Melo Neto *apud* Ribeiro, 1981, pp. 245–246)

A descrição meticulosa da viagem, datada de Dacar, julho de 1976, demonstra que afinal João Cabral, depois de oito anos, ainda tinha nos olhos tudo que vira, como sentenciou naquela carta. Não deixa de ser sintomático o fato de que justamente na sequência dessa narrativa o autor sintetize numa única frase, deslocada em parágrafo isolado, os desdobramentos de sua amizade com Ruben: “Continuamos a trocar livros, incapaz que sou de trocar cartas” (*ibidem*). Essa incapacidade, porventura fruto da sua misantropia, para retomar aquela expressão, volta à tona comprovando o enunciado quase trinta anos antes na carta a Drummond, com quem se repetiria igual padrão. Mesmo sendo muito mais próximo que o amigo português, a correspondência com o poeta itabirano – que foi seu padrinho de casamento – cessaria ainda antes, no fim da década de 1950, embora tenham mantido o correio bibliográfico pelo menos até 1984.

Diplomático é um adjetivo que bem representa certo aspecto da personalidade de João Cabral, o que não se resume à atividade que exerceu por toda a sua vida, ainda que tenha, sem dúvida, influenciado suas maneiras. Em meio às suas fortes convicções, que por vezes extrapolam o registro íntimo e privado, a diplomacia parece, por um lado, despontar no convívio literário pela cortesia com que sustenta essas relações; por outro, do ponto de vista prático, parece condicionar o interesse pela escrita epistolar, concretamente, em virtude do cansaço do burocrata que passou muitos de seus dias a redigir papéis oficiais. Assim João Cabral pertence a uma categoria numerosa de escritores que para sobreviver desempenharam outros ofícios, uma vez que viver de literatura era – e ainda é – para poucos.

Desde os antagonistas radicais – os antiepistológrafos – aos que se sentiam pouco hábeis para a escrita epistolar, muitos expressariam aos seus destinatários um posicionamento ante a prática. Nesse contexto, um dos que reforçaram o coro cabralino foi Adolfo Casais Monteiro. Em carta ao poeta brasileiro, admitiu ser um “péssimo epistológrafo”, dividindo com seu interlocutor o porquê. Sem o ânimo da juventude, declara: “[...] agora escrever cartas constitui um esforço enorme – que, senão outra, tem pelo menos a justificação de, vivendo sobretudo de traduções, ao fim do dia só olhar para a máquina me dá calafrios!!” (Monteiro, 1952). Desabafo feito, superando o horror ao objeto de trabalho, em datiloscrito.

Financiamento: Esta pesquisa foi financiada pela FCT, no âmbito da bolsa de doutoramento referência SFRH/BD/147088/2019.

Referências

- Bento, J. (1968). Os poetas de “Poesia 61”. *O Tempo e o Modo*, 57-58, 270–273.
Caetano, M. (1976, 7 fevereiro). Carta a João Cabral de Melo Neto [Manuscrito inédito].
Fundação Casa de Rui Barbosa.

- Fiuza, S. (2019). Cartas inéditas de João Cabral a Alberto de Serpa. O planejamento de *O cavalo de todas as cores*. *ALEA*, 21(1), 157–174. <https://doi.org/10.1590/1517-106X/211157174>
- Galve, F. (2016). O navegar do poeta João Cabral no oceano de palavras proibidas (1952-64). *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, 21, 254–267.
- Gonçalves, E. (1950, 29 novembro). Carta a João Cabral de Melo Neto [Manuscrito inédito]. Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Ivo, L. (2007). *E agora adeus: correspondência para Lêdo Ivo*. Instituto Moreira Salles.
- Lacerda, A. (1963, 16 julho). Carta a João Cabral de Melo Neto [Manuscrito inédito]. Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Leitão, R. A. (1968, 2 fevereiro). Carta a Curt Meyer-Clason [Manuscrito inédito]. Biblioteca Nacional de Portugal.
- Lejeune, P. (1998). *Pour l'autobiographie: chroniques*. Seul.
- Marques, I. (2021). *João Cabral de Melo Neto: uma biografia*. Todavia.
- Melo Neto, J. C. (1957, 18 outubro). Carta a Alberto de Serpa [Manuscrito inédito]. Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Melo Neto, J. C. (1963). Carta a Sophia de Mello Breyner Andresen. <https://purl.pt/19841/1/1950/galeria/f29/foto1.html>
- Melo Neto, J. C. (1966, 8 junho). Todo o brasileiro tem talento, mas não se podem abandonar ao talento 80 milhões de brasileiros, entrevista conduzida por José Correia Tavares. *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, 245, pp. 1 e 16.
- Melo Neto, J. C. (1981). Encontro com Rubem A. (Leitão). In J. S. Ribeiro (Org.), *In memoriam Ruben Andresen Leitão* (pp. 245–46). Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Melo Neto, J. C. (2001). *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond* (Organização, apresentação e notas Flora Süssekind). Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Melo Neto, J. C. (2014). *Poesia completa João Cabral de Melo Neto* (Organização, prefácio, fixação de textos e notas de Antonio Carlos Secchin). Glaciar.
- Mendes, M. (2002). *Janelas verdes*. Quasi Edições.
- Meyer-Clason, C. (1992). João Cabral de Melo Neto: Yesterday, Today, Tomorrow. *World Literature Today*, 66(4), 674–678.
- Monteiro, A. C. (1952, 31 janeiro). Carta a João Cabral de Melo Neto [Manuscrito inédito]. Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Nemésio, V. (1968, 17 agosto). Carta a João Cabral de Melo Neto [Manuscrito inédito]. Fundação Casa de Rui Barbosa.
- O'Neill, A. (1959a, 14 setembro). Carta a João Cabral de Melo Neto [Manuscrito inédito]. Fundação Casa de Rui Barbosa.
- O'Neill, A. (1959b, 30 outubro). Carta a João Cabral de Melo Neto [Manuscrito inédito]. Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Oulman, A. (1963, 25 dezembro). Carta a João Cabral de Melo Neto [Manuscrito inédito]. Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Pires, C. (1964, 2 fevereiro). Carta a João Cabral de Melo Neto [Manuscrito inédito]. Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Poma, P. (2019) (Org.). *Sophia: plural e singular*. 7Letras.
- Reis, A. (1966, 6 junho). Carta a João Cabral de Melo Neto [Manuscrito inédito]. Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Resende, O. (1968, 24 junho). Carta a João Cabral de Melo Neto [Manuscrito inédito]. Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Resende, O. (1969, 13 fevereiro). Carta a João Cabral de Melo Neto [Manuscrito inédito]. Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Rocha, A. C. (1985). *A epistolografia em Portugal* (2.ª ed.). Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Serpa, A. (1949, 19 junho). Carta a João Cabral de Melo Neto [Manuscrito inédito]. Fundação Casa de Rui Barbosa.

- Sousa, C. M. (2000). Cartas de João Cabral de Melo Neto para Clarice Lispector. *Colóquio/Letras*, 157/158, 283–299.
- Sousa, C. M. (2019). Conversar-escrevendo: João Cabral e Murilo Mendes. *Colóquio/Letras*, 200, 123–165.
- Queirós, L. M. (1999, 11 outubro). “O poeta que não gostava de música” *Público*. <https://www.publico.pt/1999/10/11/jornal/o-poeta-que-nao-gostava-de-musica-124886>
- Xavier, L. (2016). *Portugueses do Brasil & brasileiros de Portugal*. Oficina do Livro.

[submetido em 26 de janeiro de 2022 e aceite para publicação em 31 de outubro de 2022]